

Debate conclui pela renegociação da dívida

Roberto Hillas

15 DEZ 1983

Não há saída para a crise brasileira sem uma nova renegociação da dívida externa. Foi essa a conclusão a que chegaram ontem os quatro economistas — Maria da Conceição Tavares, Paulo P. Lyra, Adroaldo Moura da Silva e Carlos Lessa — debatedores do seminário "Como Planejar 84", realizado pela Gazeta Mercantil, em São Paulo, e visto por quase 700 empresários em dez outras cidades brasileiras, inclusive Brasília, através de circuito interno de televisão.

Na opinião unânime dos economistas, expressa nos debates e durante as respostas às quase 100 perguntas feitas pelos participantes de todo o País, a situação econômica brasileira tende a se deteriorar ao longo dos próximos meses, crescendo o desemprego. Somente Paulo P. Lyra, ex-presidente do Banco Central e consultor empresarial, acredita que haverá melhoras, mas dependendo da recuperação econômica dos países industrializados, e da ocorrência de melhoras no mercado internacional.

Taxa de juros

Durante a primeira sessão, coordenada pelo professor Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, da qual os debatedores foram os economistas Maria da Conceição Tavares e Paulo P. Lyra, cujo tema foram as "Perspectivas da Economia Mundial e o Balanço de Pagamentos do Brasil", os participantes ficaram sabendo que a taxa de juros real no País deverá permanecer alta ao longo de 1984, e que muito provavelmente o Governo prepara uma mididesvalorização do cruzeiro em relação ao dólar norte-americano.

Maria da Conceição Tavares afirmou que uma nova grande desvalorização cambial, que já está sendo chamada de "midi", em nada vai colaborar para que o Brasil conquiste suas metas de comércio exterior. Criticou o protecionismo dos Estados Unidos contra produtos manufaturados brasileiros, em especial os aços e os calçados, o que, no seu entender, vai dificultar cada vez mais a comercialização externa dos produtos brasileiros. No seu entender, enquanto o Brasil não romper com o FMI a situação não vai melhorar.

No entender da economista, que é professora da Unicamp e da UFRJ, não há possibilidade de os setores industriais de bens de consumo se recuperarem em 1984, mesmo havendo a disposição de exportar. Segundo ela, o setor produtor de eletrodomésticos, por exemplo, vai encerrar o ano de 84 na melhor das hipóteses tão mal como está agora. Na sua opinião, tudo é culpa da política econômica ditada pelo FMI, que é geradora de uma recessão interminável, extremamente nefasta.

84 será pior

Ao participar da segunda sessão, cujo tema foram "As Possibilidades da Economia Brasileira e o Programa do FMI", o diretor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo, PhD em economia pela Universidade de Chicago, Adroaldo Moura da Silva, apesar de revelar-se bastante cético, reconheceu que muito dificilmente o próximo ano será pior do que 1983. Ele acredita em melhoras se o Brasil continuar produzindo mais petróleo e se a próxima safra agrícola for mesmo recorde.

Ele também prevê, até março, uma desvalorização real do cruzeiro em relação ao dólar. Pelas estimativas que revelou, em 1984 a inflação chegará na melhor das hipóteses aos 150%, caindo a economia em menos 2%. Surpreendendo aos participantes, Adroaldo, que eventualmente também assessorava a Secretaria de Planejamento da Presidência da República, afirmou que o desemprego crescerá tanto, em 84, que "a situação social vai ficar explosiva". No seu entender, 84 poderá ser um ano melhor no que se refere "às variáveis críticas".

Já Carlos Lessa, que é professor do Instituto de Economia Industrial da UFRJ, descartou a hipótese de melhoras econômicas em função de uma grande safra agrícola em 1984. Com base em informações que colheu junto à Campanha de Financiamento da Produção (CFP), do Ministério da Agricultura, o economista revelou que na melhor das hipóteses o Brasil conseguirá na safra atual colher umas 47 milhões de toneladas de grãos, nada menos do que 7 milhões a menos do que foi apregoado recentemente como meta a ser conquistada.

Conforme os números revelados por Carlos Lessa, o mais crítico dos quatro debatedores do seminário "Como Planejar 84", a safra agrícola atual será insuficiente para o consumo interno, não servindo, por isso mesmo, para a prometida reconstituição dos estoques reguladores de grãos (arroz, feijão, milho, soja e outros produtos), tradicionalmente, organizados pela CFP, mas que foram desbaratados este ano, não apenas para consumo interno, mas também para vendas no exterior.

No entender de Lessa, corre o País o risco de ver novamente os preços dos produtos agrícolas "servirem de alavancagem da inflação". Isso quer dizer que deverá haver falta de alguns produtos fundamentais, entre os quais nominou o arroz e o feijão, cuja especulação com os parques estoques e mãos de intermediários, poderá gerar altas de preços de varejo que irão se refletir nos indicadores do custo de vida (da FGV e do IBGE), refletindo-se diretamente na inflação.

Por isso mesmo, o economista acredita que "1984 será um ano inexoravelmente pior do que 1983". Ele chegou a afirmar que a inflação poderá até mesmo beirar os 300%, não apenas porque faltarão alimentos fundamentais, mas também porque a mididesvalorização do cruzeiro deverá provocar efeitos paralelos sobre o custo de vida. Com isso, acredita ele que a crise econômica brasileira irá se agravar, generalizando-se, sendo muito pior do que agora em virtude desses desdobramentos.

Na opinião de Carlos Lessa, "o quadro é angustiante", uma vez que "a imensa maioria dos mercados estarão se contraindo a partir de agora". Para o ano que se aproxima ele previu grandes problemas para o setor de construção civil e uma crise agravada na Previdência Social. Ele acredita que só sairão ganhando alguns poucos setores, entre eles os fabricantes de armas de autodefesa, de equipamentos de segurança residencial e os guarda-móveis. Sobre este setor, explicou que muitas famílias vão ter de abandonar suas moradias, colocando os móveis nas empresas especializadas em guardá-los.